

Texto de Lucia Castello Branco para a exposição “ Cidade Interior” de Leonora Weissmann – Setembro de 2003

Amor, galinha, céu e incorpóreas companhias

Fui levada a entrar em sua casa por um de seus retratos. Na verdade, quem me levava era a mulher de um de seus netos. Disse-me ela, depois, que se tratava de uma escritora, a Marilaine Lopes. E eu já a conhecia, há trinta mil anos, por outro nome: L. Coltrane.

Sempre gostei dos textos de L. Coltrane e talvez por isso, porque era ela quem me chamava a entrar naquela casa, não pude recusar. E assim entrei: com a cautela com que se entra na casa do outro, de um outro desconhecido. Mas ali havia alguns que não me eram estrangeiros: A Marilaine, o Moacyr, a Chica, a Bijou, a galinha. E o céu. E o azul do céu que vê galinha que vê céu.

Lá estava eu, introduzida naquela estranha família de Leonora. “ É a minha própria casa” – pensei -, mas creio que vim fazer uma visita a alguém.”

“Atrás do terreno inculto, eu não esquecia a presença das galinhas, dos galos e dos gatos meio agrestes”.

Quem me soprava isso era ela, a Llansol, que a Leonora talvez nem conhecesse tão bem, mas que seria, dali por diante, nossa incorpórea companhia.

Estivemos assim juntas, Leonora, eu, Marilaine e Llansol a ver seu que vê galinha que vê céu. Até que chegou perto de nós aquela por quem tanto esperávamos.

Clarice vinha de branco, como gostava de se vestir em suas aparições públicas. Contou-nos que nunca lera Emily e que nada poderia afirmar sobre sua branca dor. Mas ela sabia, melhor do que todas nós, que a ficção de Leonora era tecida com pontos de verdade e que esses pontos, no bordado de Leonora se chamavam amor.

Clarice também entendia muito de ovos e galinhas. Por isso não cansava de repetir: “A gente não sabe que ama o ovo”. “Assim como não se vê o mundo por este ser óbvio, não se vê o ovo porque ele é óbvio.” “O ovo é a alma da galinha”.

Foi pensando na alma de Leonora e em sua casa com quintal e na galinha velha que passou a botar ovos secos e pequenos que entrei na estória de sua avó. E ali encontrei uma menina triste que um dia escreveria estórias parecidas com estórias de gente. Erma todas estórias de amor, ele me diria mais tarde. Assim me deixei habitar, por um tempo sem relógios, aquela casa com quintal onde morava Leonora. “É a minha própria casa” – ela me dizia -, mas creio que vim fazer uma visita a alguém.” “E a minha primeira alegria qui foi assim a de partilhar a minha mansão (que é enorme) com alguém que sempre a habitou”.

Não era Leonora quem falava. Talvez fosse Llansol, ou Clarice, ou quem sabe Marilaine L. Coltrane, que um dia, há trinta mil anos, me trouxera até ali.

Lucia Castello Branco